

CHRIS

KRAUS

ORU

IMMO

DICK

...

Prefácio  
O que dizer de Chris?  
Eileen Myles

Parte 1  
Cenas de um casamento  
Cenas de um casamento

Parte 2  
Toda carta é uma carta de amor  
Toda carta é uma carta de amor  
Route 126  
A exegese  
*Arte kike*  
Sylvère e Chris escrevem em seus diários  
Monstruosidades  
Faça a conta  
Dick responde

Agradecimentos

Posfácio  
Ficções teóricas  
Joan Hawkins

Referências bibliográficas

Autora  
Créditos

## Prefácio

### O que dizer de Chris?

Eileen Myles

Depois de terminar a faculdade, numa época de paixão por filmes estrangeiros, fui assistir a *Adèle H.* Num encontro, acho. Ficamos chapados antes do filme e me lembro de ser invadida por um sentimento depressivo e meio apavorante enquanto via a fêmea romântica de Truffaut perder as estribeiras por causa de um homem, ser rejeitada — e tudo isso levando ao fim da sua vida — da sua sanidade, de tudo.

Eu era como qualquer garota de 25 anos, mas assistindo ao filme senti que ela *era* eu, embora o cara sentado a meu lado, Bill, fosse uma espécie de amigo e não evocasse sentimentos como aqueles. Apenas soube, sem alarde, que eu estava arruinada. Se concordasse em ser fêmea. Havia evidências de sobra na tela e nos livros. Li Doris Lessing na aula de literatura e aquilo também me deprimiu pra cacete. Eu simplesmente odiava ler livros de mulheres ou sobre mulheres, porque sempre dava na mesma. A perda do self, uma abnegação infinita; mesmo quando a fêmea estava tentando ser artista, ela acabava grávida, desesperada, esperando algum homem. Um carinha marxista, talvez. Quando é que isso ia terminar? Espantosamente acabou, aqui mesmo neste livro.

*Eu amo Dick* é um estudo extraordinário da abjeção feminina, e me lembra, à sua maneira, Carl Dreyer nos exortando a usar o “artifício para despir o artifício de artifício”, pois ocorre que, para Chris, marchar desafiadora

rumo à autodegradação e à autopromoção, não ficar ali estranhamente abatida, suspirando ou esperneando aos berros, mas se jogar sem hesitação, foi exatamente o bilhete de entrada que solidificou e trouxe dignidade ao páthos da viagem romântica da sua vida.

No caso de Chris, a abjeção (não aquela roubada do diário da garota há muito tempo morta por algum dos amigos do seu pai famoso...) é a estrada de saída do fracasso. Em direção a algo brilhante e elevado, como a presença. Que é o paraíso para uma performer — aquilo que essa autora realmente é.

A estratégia de Chris é a um só tempo marcial e sublime. Ela está na beira do precipício da sua vida. É mais ou menos aquilo que Jack Kerouac alertou Neal Cassady a não transpor “a troco de nada”. O que, no caso daqueles caras (anos 50, alcoólatras), eram os trinta. Para Chris, são os 39. Uma data de validade feminina. E por quê? O poderoso relato de Chris me faz pensar se todas aquelas histórias bíblicas que alertam as mulheres a não olhar para trás existem apenas porque elas poderiam enxergar algo. Suas vidas, por exemplo.

Chris (fico digitando Christ. Seria Chris nossa garota na cruz?) faz papel de Adèle H. *ao mesmo tempo* que força o belo soldado/acadêmico “Dick” a ouvir a história Dela, e, como por milagre, em vez de acabarmos numa plateia de cinema vendo a narrativa terminar com a derrocada de Chris, ela consegue dar o troco — não contra esse cara em particular, “Dick”, mas contra aquela cultura intocável e cheia de si, que a tudo observa. Ela força essa cultura a ouvi-la descrever o *lado de dentro* daqueles famosos sentimentos femininos:

Agarrei o fone com força, me arrependendo de todo aquele projeto esquizofrênico que havia iniciado no

momento em que te conheci. “Nunca tinha sido alvo de um *stalker* antes”, você disse em fevereiro. Mas aquilo era *stalking*? Amar você foi como tomar uma droga da verdade, porque você sabia tudo. Você me fez pensar que talvez fosse possível reconstruir uma vida, pois você havia deixado a sua para trás. Se eu pudesse *te amar conscientemente*, tomar uma experiência que era tão completamente feminina e submetê-la a um sistema analítico abstrato, então talvez eu tivesse a chance de compreender algo e seguir vivendo.

Essa última colocação (“e seguir vivendo”) é a razão de *Eu amo Dick* ser um dos livros mais arrebatadores do século passado (e um dos primeiros deste século). Sua *vivência* é o tema, não o babaca do título, e enquanto desfia sua história ela desempenha com habilidade os papéis de crítica de arte, historiadora, memorialista, roteirista de um relacionamento adulto, artista performática. Até mesmo sua “fracassada” carreira de cineasta, da qual tanto se vangloria, apregoa sua mais potente ferramenta. Chris sabe muito bem (como sabia Bruce Chatwin) qual a maneira certa de *editar*. É a maior performance que há. Ir a todos os lados imagináveis de uma única obra e, *além disso*, fazê-la se movimentar. Tudo a serviço de escrever a desagradabilíssima exegese de uma vadia.

De passagem, Chris acena para a cultura do macho hospedeiro. É a ficção científica exata da nossa condição. Se esse é *inteiramente* o mundo dele, se essa é a posição de largada conscientemente reconhecida, então *Eu amo Dick* não seria uma espécie de deboche extático, desempenhado diante de uma sociedade de algozes? Não seria um livro intoleravelmente, absolutamente audaz, como a autoimolação de Simone Weil, só que muito mais legal, como uma risada longa e profunda por trás de uma máscara

feia e selvagem?

O maior feito de Chris é filosófico. Ela virou a abjeção feminina do avesso e a apontou na direção de um homem. Como se suas décadas de experiência fossem ao mesmo tempo uma pintura e uma arma. Como se ela, uma bruaca, uma *kike*,<sup>[1]</sup> uma poeta, uma cineasta fracassada, uma ex-dançarina de boate — uma intelectual, uma esposa, como se ela tivesse o direito de ir direto para o final do livro e *viver* depois de ter sentido tudo aquilo. *Eu amo Dick* ousa sugerir que a vida feminina de Chris Kraus, inabalavelmente batalhada e sentida, pode ser uma obra total *sem* precisar matá-la por causa disso.

Assim, quando surgiu, *Eu amo Dick* trouxe à existência um novo tipo de vida feminina. Ao escrever a exegese total de uma paixão, falsa ou verdadeira, Chris está escoltando leitoras e leitores de primeira viagem para aquele mundo. Lá vamos nós...

Eileen Myles  
Nova York / San Diego, 2006

Parte 1

# Cenas de um casamento

## Cenas de um casamento

*3 de dezembro de 1994*

Chris Kraus, cineasta experimental de 39 anos, e Sylvère Lotringer, professor universitário em Nova York de 56 anos, jantam com Dick \_\_\_\_, um conhecido com quem Sylvère mantém uma relação amigável, num sushi bar em Pasadena. Dick é um crítico cultural inglês que se transferiu recentemente de Melbourne para Los Angeles. Chris e Sylvère passaram o período sabático de Sylvère numa cabana em Crestline, uma cidadezinha nas montanhas de San Bernardino, a cerca de uma hora e meia de Los Angeles. Já que Sylvère começará a lecionar de novo em janeiro, eles voltarão em breve para Nova York. Durante o jantar, os dois homens discutem tendências recentes na teoria crítica pós-moderna e Chris, que não é uma intelectual, nota que Dick mantém contato visual constante com ela. A atenção de Dick faz com que Chris se sinta poderosa, e quando chega a conta ela saca seu cartão de crédito Diners Club. “Por favor”, diz, “deixa que eu pago”. O rádio prevê neve na estrada de San Bernardino. Dick convida os dois, generosamente, a passar a noite na casa dele no deserto de Antelope Valley, a cerca de cinquenta quilômetros de distância.

Chris quer se desacoplar da condição de cônjuge, portanto tenta convencer Sylvère de que será emocionante andar no antigo e maravilhoso conversível Thunderbird de Dick. Sylvère, que não sabe diferenciar um T-bird de uma carroça e não dá a mínima para isso, concorda, confuso.

Pronto. Dick lhe explica o caminho com orientações abundantes e apreensivas. “Não se preocupe”, ela o interrompe, exibindo cabelos e sorrisos, “vou colada em você”. E assim ela faz. Um pouco em transe, pisando firme no acelerador da sua picape, ela se lembra de uma performance, chamada *Car Chase*, que fez no St. Mark’s Poetry Project, em Nova York, quando tinha 23 anos. Ela e sua amiga Liza Martin haviam seguido o motorista bonito e imponente de uma Porsche pela Highway 95 até chegar a Connecticut. Ele acabou parando o carro à beira da estrada para descansar, mas quando Liza e Chris saíram, ele foi embora. A performance terminou com Liza esfaqueando a mão de Chris no palco, sem-querer-mas-de-verdade, com uma faca de cozinha. Jorrou sangue e todo mundo achou Liza deslumbrantemente sexy, perigosa e linda. Liza, com a barriga de fora num top felpudo, meias arrastão rasgando contra a minissaia de vinil verde quando ela se curvava para mostrar a virilha, parecia uma prostituta das mais baratas. Nasce uma estrela. Ninguém no espetáculo daquela noite tinha achado a aparência pálida e anêmica e o olhar penetrante de Chris remotamente cativantes. Quem poderia achar? A questão permaneceria temporariamente arquivada. Mas agora o mundo era outro. Os pedidos de ouvintes na rádio 92.3 The Beat faziam tremer as caixas, era a Los Angeles pós-protestos, uma cidade atravessada por nervos de fibra óptica. O Thunderbird de Dick permanecia o tempo todo no seu campo de visão, os dois veículos rodando juntos com uma ligação invisível pelo leito da estrada de concreto, como os globos oculares de John Donne. E dessa vez Chris estava sozinha.

Na casa de Dick, a noite se desdobra como a véspera de Natal embriagada no filme *Minha noite com ela*, de Eric Rohmer. Chris percebe que Dick está flertando com ela, que a vasta inteligência dele rompe a barreira da retórica e

dos termos pós-modernos para manifestar uma solidão essencial que só ela e ele podem compartilhar. Atordoada, Chris corresponde. Às duas da manhã, Dick lhes exhibe um vídeo produzido pela televisão pública inglesa em que aparece vestido como Johnny Cash. Fica falando sobre terremotos, agitações e seu anseio interminável por um lugar que possa chamar de casa. A reação de Chris ao vídeo de Dick, embora ela não a tenha articulado na ocasião, é complexa. Como artista, ela considera o trabalho de Dick irremediavelmente ingênuo, mas apesar disso ela adora certos tipos de arte ruim, arte que transparece as esperanças e os desejos da pessoa que a realizou. Arte ruim torna o espectador muito mais ativo. (Anos depois, Chris perceberia que seu gosto por arte ruim é exatamente como a atração de Jane Eyre por Rochester, um cafajeste drogado e com feições equinas: personagens ruins convidam à invenção.) Mas Chris guarda esses pensamentos para si. Como ela não se expressa numa linguagem teórica, ninguém espera dela grande coisa, e Chris está acostumada a ficar viajando por camadas de complexidade em total silêncio. Ao não articular sua posição ambígua sobre o vídeo de Dick, Chris se sente ainda mais próxima dele. Ela sonha com ele a noite toda. Mas quando Chris e Sylvère acordam no sofá-cama na manhã seguinte, Dick se foi.

*4 de dezembro de 1994: 10h*

Sylvère e Chris saem da casa de Dick sozinhos, com relutância, pela manhã. Chris assume o desafio de improvisar o Bilhete de Agradecimento que precisa ser deixado. Ela e Sylvère tomam café no IHOP de Antelope. Uma vez que já não fazem sexo, eles conservam a intimidade por meio da desconstrução: por exemplo,

contam tudo um ao outro. Chris diz a Sylvère que acredita que ela e Dick acabaram de viver a experiência de uma Foda Conceitual. O desaparecimento dele pela manhã confirma isso e aporta à experiência um subtexto subcultural que ela e Dick compartilham: ela se lembra de todas as fodas confusas de uma noite só que teve com homens que já tinham caído fora antes de ela abrir os olhos. Ela recita para Sylvère um poema de Barbara Barg que trata desse assunto:

*What do you do with a Kerouac  
But go back and back to the sack  
with Jack  
How do you know when Jack  
has come?  
You look on your pillow and  
Jack is gone...[2]*

E depois havia a mensagem na secretária eletrônica de Dick. Quando eles entraram na casa, Dick tirou o casaco, serviu drinques e apertou o botão do play. Surgiu a voz de uma mulher muito jovem e muito californiana:

*Oi, Dick, é a Kyla. Dick, eu — desculpa continuar ligando pra sua casa, agora caí na sua secretária eletrônica, e só queria dizer que lamento como as coisas não funcionaram aquela noite, e — sei que não é sua culpa, mas acho que eu só queria mesmo te agradecer por ser uma pessoa tão legal...*

“Estou tão constrangido que nem sei”, Dick murmurou de modo enternecedor, abrindo a vodca. Dick tem 46 anos. Será que essa mensagem significa que ele está perdido? E, se Dick *está* perdido, será que poderia ser salvo vivendo um romance conceitual com Chris? Será que a foda conceitual tinha sido apenas o primeiro passo? Sylvère e Chris

discutem isso pelas horas seguintes.

*4 de dezembro de 1994: 20h*

De volta a Crestline, Chris não consegue parar de pensar na noite passada com Dick. Ela começa, então, a escrever um conto sobre isso, intitulado “Romantismo abstrato”. É o primeiro conto que ela escreve em cinco anos.

“Começou no restaurante”, ela inicia. “Era o início da noite e estávamos todos rindo um pouco além da conta.”

Ela faz o conto se dirigir intermitentemente a David Rattray, pois está convencida de que o fantasma de David estivera com ela na noite passada durante a viagem de carro, empurrando a picape adiante pela Highway 5. Chris, o fantasma de David e a picape tinham se fundido numa unidade que avançava.

“Na noite passada”, ela escreveu para o fantasma de David, “me senti como nas vezes em que as coisas parecem se abrir em novos panoramas de entusiasmo — senti que você estava aqui: flutuando, denso, ao meu lado, acomodado em algum ponto entre minha orelha esquerda e meu ombro, comprimido como pensamento.”

Ela pensou em David o tempo todo. Foi estranho como Dick havia mencionado, em algum momento da conversa embriagada da noite anterior, como se houvesse lido a mente dela, o quanto admirava o livro de David. David Rattray tinha sido um aventureiro inconsequente, gênio e moralista, se entregando às mais improváveis paixões até quase o momento da sua morte, aos 57 anos. E agora Chris sentia que o fantasma de David a pressionava a entender a paixão, a entender como a pessoa amada pode se tornar um padrão de costura para todas as pontas esfarrapadas de memória, experiência e pensamento que alguém já teve. Ela

começou a descrever o rosto de Dick, “pálido e móvel, ossos fortes, cabelos avermelhados e olhos fundos”. Enquanto escrevia, Chris guardava o rosto dele na imaginação, e então o telefone tocou e era Dick.

Chris ficou muito constrangida. Ficou pensando se o telefonema não era na verdade para Sylvère, mas Dick não pediu para falar com ele, portanto ela ficou escutando a linha repleta de chiados. Dick estava ligando para explicar seu desaparecimento na noite anterior. Ele tinha levantado cedo e ido de carro até Pear Blossom para buscar ovos e bacon. “Sou meio insone, sabe.” Quando voltou para sua casa em Antelope, ficou genuinamente surpreso ao descobrir que eles haviam partido.

Naquele momento, Chris poderia ter contado a Dick qual era sua própria interpretação forçada do episódio: se tivesse feito isso, a presente história teria seguido outro rumo. Mas havia estática demais na linha, e ela já estava com medo dele. Exaltada, ela considerou propor um outro encontro, mas não o fez, e então Dick desligou. Chris ficou ali parada no seu escritório improvisado, suando. Depois subiu as escadas para falar com Sylvère.

*5 de dezembro de 1994*

Sozinhos em Crestline, Sylvère e Chris passaram a maior parte da noite anterior (domingo) e da manhã de hoje (segunda-feira) falando sobre a ligação de três minutos de Dick. Por que Sylvère aceita participar disso? Talvez porque Chris pareça animada e viva pela primeira vez desde o verão passado, e Sylvère, que a ama, não suporte vê-la triste. Talvez porque ele tenha chegado a um impasse no livro que está escrevendo sobre modernismo e o Holocausto, e esteja aborrecido por ter que voltar a dar aulas no mês que vem.

Talvez porque seja perverso.

*6-8 de dezembro de 1994*

Terça, quarta e quinta-feira dessa semana passaram sem registro, borradas. Se a memória não falha, aquela terça foi o dia em que Chris Kraus e Sylvère Lotringer estiveram em Pasadena, lecionando na Art Center College of Design. Vamos arriscar uma reconstrução? Eles levantam às oito, descem a colina saindo de Crestline, tomam café em San Bernardino, pegam a 215 até a 10 e dirigem por uma hora e meia, chegando a Los Angeles logo depois da hora do rush. É provável que tenham falado sobre Dick na maior parte do trajeto. Contudo, uma vez que planejavam ir embora de Crestline dali a somente dez dias, no dia 14 de dezembro (Sylvère ia passar as festas de fim de ano em Paris, Chris ia a Nova York), devem ter debatido um pouco a logística. Um Anseio Inquietante... viajando de carro por Fontana e Pomona, através de uma paisagem que não significava nada, com um futuro inconclusivo assomando adiante. Enquanto Sylvère dava sua aula de pós-estruturalismo, Chris pegou o carro e foi até Hollywood buscar fotos de publicidade para seu filme, aproveitando para comprar queijo no Trader Joe's. Depois eles voltaram a Crestline, serpenteando montanha acima através da escuridão e da névoa densa.

A quarta e a quinta-feira desaparecem. É óbvio que o filme novo de Chris não irá muito longe. O que ela fará em seguida? Sua primeira experiência na arte tinha sido como participante em dramas psicológicos alucinados dos anos 70. A ideia de que Dick possa ter proposto algum tipo de jogo entre eles é incrivelmente excitante. Ela explica isso incansavelmente a Sylvère. Implora a Sylvère que ligue para Dick, que pesque algum sinal de que Dick lembra da

existência dela. Se houver sinal, ela vai ligar.

*Sexta-feira, 9 de dezembro de 1994*

Sylvère, um intelectual europeu que ensina Proust, é um analista habilidoso das minúcias do amor. Mas por quanto tempo é possível continuar analisando uma única noite e um telefonema de três minutos? Sylvère já deixou duas mensagens não respondidas na secretária eletrônica de Dick. E Chris se transformou numa pilha de nervos, sexualmente estimulada pela primeira vez em sete anos. Assim, na manhã de sexta-feira, Syl-vère sugere por fim que Chris escreva uma carta a Dick. Constrangida, ela pergunta se ele também não quer escrever uma. Sylvère concorda.

Casais casados costumam colaborar em *billets doux*? Se Syl-vère e Chris não tivessem uma posição tão militante contra a psicanálise, poderiam ter visto isso como um momento decisivo.

## ANEXO A: AS PRIMEIRAS CARTAS DE CHRIS E SYLVÈRE

*Crestline, Califórnia  
9 de dezembro de 1994*

Caro Dick,

Deve ter sido o vento do deserto que nos subiu à cabeça aquela noite, ou talvez o desejo de ficcionalizar um pouquinho a vida. Não sei. Nos encontramos algumas vezes e senti uma grande simpatia por você, e um desejo de ser mais próximo. Viemos de lugares diferentes, mas nós dois tentamos romper com nosso passado. Você é um caubói; por dez anos, fui um nômade em Nova York.

Então voltemos à noite na sua casa: o glorioso passeio no seu Thunderbird, de Pasadena até o Fim do Mundo, quer dizer, até Antelope Valley. Um encontro que adiamos por quase um ano. Foi mais verdadeiro do que eu imaginava. Mas como cheguei a isso?

Quero conversar sobre aquela noite na sua casa. Tive a sensação de que te conhecia de alguma forma, e de que juntos podíamos simplesmente ser nós mesmos. Mas agora estou começando a soar como a mocinha cuja voz escutamos involuntariamente na sua secretária eletrônica aquela noite...

Sylvère

*Crestline, Califórnia*  
*9 de dezembro de 1994*

Caro Dick,

Como Sylvère escreveu a primeira carta, me vejo nessa posição estranha. Reativa — como Charlotte Stant para a Maggie Verver de Sylvère, se estivéssemos vivendo no romance *A taça de ouro*, de Henry James — a Vadia Burra, uma fábrica de emoções evocadas por todos os homens. Então a única coisa que posso fazer é narrar O Conto da Vadia Burra. Mas como?

Sylvère acha que o amor que sinto por você não passa de um perverso anseio por rejeição. Mas discordo, no fundo sou uma garota muito romântica. O que me tocou foram todas as janelas de vulnerabilidade que havia na sua casa... uma casa tão espartana e autoconsciente. A capa do disco *Some Girls* em pé, as paredes escuras — tão fora de moda e *déclassé*. Mas sou tarada por desespero, por hesitação — aquele instante em que a atuação desmorona, a ambição

falha. Amo isso, e me sinto culpada ao percebê-lo em alguém, e então a afeição mais calorosa e indescritível que se possa imaginar me inunda para afogar a culpa. Por muitos anos adorei Shake Murphy na Nova Zelândia por esse motivo, era um caso perdido. Mas você não é exatamente um caso perdido, você tem uma reputação, autoconsciência e um emprego, e então me ocorreu que poderíamos aprender alguma coisa deixando esse romance se desenrolar de maneira mutuamente autoconsciente. Romantismo abstrato?

É estranho, nunca cheguei a me perguntar se eu “faço seu tipo”. (Porque no passado, no Romance Empírico, uma vez que não sou nem bonita nem maternal, *nunca* faço o tipo dos Caras Caubóis.) Mas talvez a ação seja o que realmente importa agora. O que as pessoas fazem juntas ofusca Quem Elas São. Se não posso fazer você se apaixonar por quem eu sou, talvez possa despertar seu interesse pelas coisas que entendo. Então, em vez de me perguntar “Será que ele vai gostar de mim?”, me pergunto “Será que ele topa?”.

Quando você ligou na noite de domingo, eu estava anotando uma descrição do seu rosto. Não consegui falar, e desliguei no fundo da equação romântica com o coração acelerado e as mãos suadas. É incrível se sentir dessa maneira. Faz dez anos que minha vida tem sido organizada de modo a evitar esse estado elementar doloroso. Gostaria de conseguir lidar com os mitos românticos, assim como você. Mas não consigo, porque sempre perco, e mesmo esses três dias de romance totalmente fictício já começaram a me deixar doente. E me pergunto se haverá algum dia a possibilidade de reconciliar juventude e idade, ou a chaga anoréxica que eu era com a piranha velha que me tornei. Por nossa própria sobrevivência, acabamos nos suicidando. Existe alguma esperança de mergulhar de volta no passado

e circular em torno dele, como permite a arte?

Sylvère, que está digitando isso, diz que falta objetivo a esta carta. Que *reação* estou procurando? Ele acha que esta carta é muito literária, muito baudrillardiana. Diz que estou alisando as imperfeiçãoezinhas trêmulas que ele tinha achado tão tocantes. Não é a Exegese da Vadia Burra que ele esperava. Mas, Dick, sei que, quando você ler isso, saberá que essas coisas são verdade. Você entende que o jogo é *real*, ou, melhor que isso, é realidade, e este “ser melhor que isso” é o que importa aqui. Quando o sexo é melhor que as drogas, quando a arte é melhor que o sexo? Este *melhor que isso* significa se aventurar na completa intensidade. Estar apaixonada por você, estar pronta para pegar essa estrada, me fez voltar aos dezesseis anos, com minha jaqueta de couro, encolhida num canto com meus amigos. Uma porra dum a imagem eterna. É sobre estar pouco se fodendo, ou ver todas as consequências chegando e fazer algo da mesma forma. E acho que você — eu — continuamos nessa busca, e é emocionante quando encontramos isso em outras pessoas.

Sylvère se considera esse tipo de anarquista. Mas ele não é. Eu te amo, Dick.

Chris

Depois de terminarem de escrever essas cartas, porém, Chris e Sylvère sentiram que poderiam fazer melhor. Que restavam coisas a ser ditas. Então começaram uma segunda rodada e passaram a maior parte da sexta-feira em Crestline sentados no chão da sala, passando o laptop de lá para cá. E cada um escreveu uma segunda carta, Sylvère sobre ciúme, Chris sobre os Ramones e o terceiro termo kierkegaardiano. “Talvez eu quisesse ser como você”, Sylvère escreveu, “vivendo totalmente sozinho numa casa cercada por um

cemitério. Quer dizer, por que não pegar o atalho? Então me envolvi para valer na fantasia, inclusive eroticamente, porque o desejo é algo que irradia; mesmo quando não é direcionado a você, ele possui uma energia e uma beleza, e acho que fiquei excitado ao ver que Chris estava excitada por você. Depois de um certo tempo ficou difícil lembrar que nada tinha realmente acontecido. Acho que, em algum recôndito sombrio da minha mente, me dei conta de que para não ter ciúme minha única escolha era participar dessa relação ficcional de maneira um pouco perversa. De que outro modo poderia suportar minha mulher atraída por você? Os pensamentos que me vêm à mente são muito desagradáveis: *ménage à trois*, o marido complacente... nós três somos sofisticados demais para lidar com arquétipos tão monótonos. Estaríamos tentando desbravar um novo terreno? Sua persona de caubói se entrosou muito bem com os sonhos de Chris a respeito dos homens calados, sofridos e desesperados por quem foi rejeitada. Sua recusa em responder às mensagens faz da sua secretária eletrônica uma tela em branco na qual podemos projetar nossas fantasias. Portanto, em algum sentido encorajei Chris, pois graças a você ela se lembrou de uma situação mais ampla, como também aconteceu no mês passado, quando ela visitou a Guatemala, e todos somos pessoas potencialmente maiores do que somos. Há tanta coisa sobre a qual ainda não conversamos. Mas talvez esse seja o melhor caminho para nos tornarmos amigos mais próximos. Compartilhar pensamentos que não devem ser compartilhados...”

A segunda carta de Chris foi menos digna. Ela começou enaltecendo de novo o rosto de Dick: “Comecei a olhar pro seu rosto aquela noite no restaurante — oh, uau, isso não é o primeiro verso da música ‘Needles & Pins’ dos Ramones? ‘I saw your face / It was the face I loved / And I knew’<sup>[3]</sup> — e ele me transmitiu o mesmo sentimento que me vinha toda

vez que escutava aquela música, e quando você ligou meu coração estava acelerado, e então pensei que talvez pudéssemos fazer algo juntos, algo que está para o romance adolescente como o cover que os Ramones fizeram dessa música está para a original. Os Ramones dão a ‘Needles & Pins’ a possibilidade da ironia, mas a ironia não compromete a emoção da música, e sim a torna mais forte e mais verdadeira. Søren Kierkegaard chamou isso de ‘o Terceiro Termo’. No seu livro *A crise na vida de uma atriz*, ele afirma que nenhuma atriz pode interpretar a Julieta de catorze anos antes de ter ao menos 32 anos. Porque atuação é arte, e a arte envolve um gesto que atravessa uma certa distância. Jogar com as vibrações entre lá e cá e então e agora. E você não acha que a realidade pode ser mais bem alcançada por meio da dialética? PS: seu rosto é flexível, áspero, bonito...”.

Já é fim de tarde quando Sylvère e Chris terminam suas segundas cartas. O lago Gregory brilha à distância, rodeado de montanhas nevadas. A paisagem é ardente e distante. Por ora, ambos estão satisfeitos. Memórias domésticas de quando Chris era jovem, vinte anos atrás: um porta-ovo de porcelana e uma xícara de chá, pessoas pintadas dando a volta nela, azul e branca. Um azulão no fundo do copo, visível através do chá cor de âmbar. Toda a beleza do mundo contida nesses dois objetos. Quando Chris e Sylvère desligam o laptop Toshiba, já escureceu. Ela prepara o jantar. Ele volta a trabalhar no seu livro.

## ANEXO B: HISTERIA

### PARTE I. SYLVÈRE SURTA

*Crestline, Califórnia*  
*10 de dezembro de 1994*

Caro Dick,

Esta manhã acordei com uma ideia. Chris deveria lhe enviar um recado curto, pondo um fim a esse delírio referencial e obtuso. O conteúdo deveria ser assim:

*Caro Dick, vou levar Sylvère ao aeroporto na manhã de quarta-feira. Preciso falar com você. Podemos nos encontrar na sua casa?*

*Com amor,  
Chris*

Pensei que seria um golpe perfeito: uma injeção de realidade para dissolver esse foco doentio de emoções. Porque, no fim das contas, nossas cartas estavam destinadas a nós mesmos, *marriage a deux*. Na verdade, é o título que pensei em dar a este texto antes de ir dormir, e eu queria comunicar isso a Chris assim que ela acordasse. Mas o efeito acabou sendo o oposto. Depois do brainstorming da noite passada, por algum motivo, a paixão que ela sentia por você foi deixada de lado. Ela estava de volta à margem segura — casamento, arte, a família —, mas minha preocupação reacendeu sua obsessão, e de repente tínhamos sido jogados de volta à realidade da irrealidade, ao desafio que está na essência disso tudo. Na superfície, tem a ver com a apreensão de Chris com a proximidade dos seus quarenta anos, ou pelo menos é o que ela diz. Temo que minhas cartas tenham sido pretensiosas e paternalistas em excesso. De todo modo, deixe-me tentar de novo...

Sylvère



Os gaios-da-califórnia cantavam a plenos pulmões do outro lado da janela do quarto. Sylvère estava sentado com as costas apoiadas em dois travesseiros, digitando, olhando através das portas de vidro para o terraço lá fora. Não importava quantas vezes tentassem mudar, quando ele e Chris dormiam juntos seus dias raramente começavam antes do meio-dia. Enquanto Chris ainda cochilava, Sylvère preparava o primeiro café do dia e o trazia para a cama. Então Chris contava seus sonhos a Sylvère, e depois seus sentimentos, e Sylvère era sempre o melhor ouvinte que ela já encontrara, o mais sutil e associativo. Depois Sylvère ia preparar as torradas e o segundo café. À medida que a cafeína fazia efeito, a conversa mudava, se tornava mais genérica, abarcando tudo e todos que conheciam. Eles sacavam as referências um do outro e se sentiam mais inteligentes na presença um do outro. Sylvère e Chris estavam entre as cinco pessoas mais letradas do seu círculo de conhecidos, o que lhes parecia sempre um milagre, pois nenhum dos dois tinha frequentado boas escolas. Ela se sentia muito em paz com ele. Sylvère, Sylvalium, a aceitava plenamente, e ela tomava pequenos goles de café para limpar a mente dos sonhos matinais.

Sylvère nunca sonhava e raramente sabia dizer o que estava sentindo. Por isso, às vezes eles recorriam a um jogo que tinham inventado para botar para fora seus sentimentos: Correlato Objetivo. Quem era o espelho metonímico de Sylvère? Um estudante na escola de arte? O cachorro deles? O atendente do depósito de Dart Canyon?

Por volta das onze, já totalmente despertos, a conversa em geral culminava com uma discussão apaixonada sobre faturas e contas a pagar. Enquanto Chris continuasse a fazer filmes independentes, eles estariam sempre inventando manobras com o dinheiro, tirando não sei quantos mil daqui ou dali. Chris dedicava seu tempo comprando ou

administrando os aluguéis de longo prazo de três apartamentos e duas casas, dos quais obtinham rendimentos enquanto viviam empoleirados em malocas suburbanas. Ela mantinha Sylvère a par da situação dos impostos, hipotecas, aluguéis por entrar e gastos com manutenção. E, por sorte, além dessa incursão primitiva pelo acúmulo de bens, a ajuda de Chris permitiu que a carreira de Sylvère se tornasse lucrativa o bastante para compensar as perdas impostas pela dela. Chris, uma feminista impávida, que frequentemente se imaginava presa a uma Roda da Fortuna elisabetana, sorria ao pensar que, para seguir fazendo seu trabalho, teria que ser financiada pelo marido. “Quem é independente?”, o cafetão de Isabelle Huppert perguntava no banco de trás do carro, ao mesmo tempo que a espancava, em *Salve-se quem puder (a vida)*. “A empregada? O burocrata? O banqueiro? Não!” É isso aí. Quem era verdadeiramente livre no capitalismo tardio? Os fãs de Sylvère eram, em sua maioria, jovens homens brancos atraídos pelos elementos mais “transgressivos” do modernismo, pelas ciências heroicas do sacrifício humano e da tortura, como legitimadas por Georges Bataille. Eles xerocavam a famosa foto da “tortura dos cem pedaços” em *As lágrimas de Eros*, de Bataille, e a prendiam com durex nos seus cadernos — um regicídio capturado em placa de gelatina por antropólogos franceses na China, em 1902. Os Bataille Boys enxergavam beatitude na expressão agonizante da vítima enquanto o carrasco serrava o último membro que lhe restava. Ainda mais imperdoável que isso era o fato de eles frequentemente tratarem Chris de forma grosseira. Quando saíam para Trocar Ideias com Sylvère Lotringer em bares depois das suas palestras em Paris, Berlim e Montreal, os Boys se ressentiam de qualquer barreira (sobretudo uma esposa, que ainda por cima não era sedutora no cumprimento da

função) se interpondo entre eles próprios e o grande homem. Chris reagiu a isso ordenando dinheiro da reputação crescente de Sylvère, impondo tarifas cada vez mais elevadas. O dinheiro da Alemanha e os dois mil dólares de Viena seriam suficientes para pagar a conta do laboratório que ela usou em Toronto? Não. Seria preciso cobrar aquele *per diem* do Dieter. Et cetera. Por volta do meio-dia, depois do Café Número 3, agitados demais para pensar em qualquer coisa que não fosse dinheiro, eles tiravam o telefone do gancho.

A presença de Dick na vida deles proporcionava férias desse tipo de maquinação. Era uma incursão em maquinações de outro tipo. Naquele sábado, enquanto tomavam o café da manhã, já planejavam uma segunda rodada de cartas, revezando o laptop de Sylvère entre torradas e canecas de café. Sylvère, um excelente revisor, não gostou do tom da sua primeira carta. Então escreveu:

*Crestline, Califórnia*  
*10 de dezembro de 1994*

Caro Dick,

Na noite passada, peguei no sono pensando num ótimo título para o nosso texto: “*Ménage à deux*”. Ao acordar, porém, ele me pareceu muito conclusivo e insuficiente. Será que Chris e eu passamos a última semana nesse turbilhão somente para transformar nossa vida num texto? Enquanto preparava o café, me ocorreu a solução perfeita, uma maneira instantânea de embaralhar de novo as cartas. Dick, o negócio é que Chris e eu estávamos discutindo se devíamos lhe enviar as cartas que escrevemos na noite passada. É uma destilação maluca do nosso estado mental, e você, pobre Dick, não merece ser exposto a uma paixão tão masturbatória. Imagino nossas catorze páginas surgindo,

linha por linha, no seu fax abandonado. Apenas considerar enviá-las já era loucura. Essas cartas não eram destinadas a você; eram uma resolução dialética de uma crise que nunca ocorreu. Por isso pensei em lhe enviar esta concisa ordem judicial:

*Caro Dick, vou levar Sylvère ao aeroporto na manhã de quarta-feira. Preciso falar com você.*

*Com amor,  
Chris*

O que você vai fazer com isso? Provavelmente não responder!

Sylvère



Durante a vida inteira, desde os dezenove anos, Sylvère Lotringer queria ser escritor. Carregando um imenso gravador na traseira da sua vespa pelas Ilhas Britânicas, ele tinha feito entrevistas em inglês precário com todos os gigantes da literatura — T.S. Eliot, Vita Sackville-West e Brendan Behan — para uma revista literária comunista da França. Pela primeira vez, estava longe da família de sobreviventes do Holocausto que residia na escabrosa Rue des Poissonnières, e isso era liberdade. Dois anos depois, estudando na Sorbonne com Roland Barthes, escreveu um ensaio sobre “A função da narrativa ao longo da história”, que foi publicado numa prestigiosa revista literária chamada *Critique*. O resto foi história. Dele. Sylvère se tornou um especialista em narrativas, não um criador delas. Como o alistamento francês para a guerra da Argélia estava em

curso, ele começou a transitar entre cargos de professor na Turquia, na Austrália e, por fim, nos Estados Unidos. Agora, quarenta anos mais tarde, estava escrevendo sobre Antonin Artaud, tentando encontrar alguma relação entre a loucura de Artaud e a loucura da Segunda Guerra. Em todos esses anos, Sylvère nunca chegou a escrever nada que amou, ou nada sobre a guerra (a mesma coisa). E ele lembrava do que David Rattray dissera certa vez sobre Antonin Artaud: “É como a redescoberta das verdades do gnosticismo, da noção de que o universo é louco...”. Bem, Artaud era louco pra caramba, assim como David. E se agora, talvez, Sylvère pudesse deixar de ser apenas infeliz para ser louco também? Então ele continuou:

Naquela noite que passamos com você, contraímos o vírus da Costa Oeste. O seu vírus. Porque Chris e eu somos pessoas sensatas. Não fazemos nada sem uma *razão*. Então você deve ser responsável. Tenho a sensação de que você tem observado os últimos dias com um sorrisinho de John Wayne no rosto, nos manipulando à distância. Esse seu lado realmente me agride, Dick. Se metendo na nossa vida. Porque, enfim, antes daquela noite Chris e eu tínhamos uma relação que ia bem. Sem paixão, talvez, mas confortável. Poderíamos ter continuado daquele jeito para sempre, e aí você veio, o homem errante, com todas essas filosofias expatriadas que tínhamos conseguido superar ao longo dos últimos vinte anos. Isso realmente não é problema nosso, Dick. Você está vivendo uma vida de cidade fantasma, infectando todos que se aproximam de você com uma doença fantasma. Pegue isso de volta, Dick. Não precisamos disso. Eis um outro fax que me ocorreu:

*Caro Dick, Por que fez isso com a gente?  
Pode nos deixar em paz?*

*Você está invadindo nossa vida — por quê?  
Exijo uma explicação.*

*Com amor,  
Sylvère*



Essas cartas eram enviáveis? Chris disse sim, Sylvère disse não. Se não eram, por que escrevê-las? Sylvère sugeriu que escrevessem até que Dick ligasse de volta. Tudo bem, ela pensou, acreditando em telepatia. Mas Sylvère, que não estava apaixonado, apenas tendo prazer em colaborar, compreendeu que eles poderiam continuar escrevendo cartas a Dick para sempre.

*Crestline, Califórnia  
10 de dezembro de 1994*

Caro Dick,

Pensando bem, por que você inventou de nos ligar domingo à noite? A noite depois do nosso “encontro” com você em Antelope Valley. Você devia ter sido aquele sujeito cool que fica fumando um cigarro no seu quarto fechado numa manhã de domingo, só esperando que fôssemos embora logo. Não ligar teria estado totalmente de acordo com seu personagem. Por que ligou, então? Porque no fundo você queria que isso fosse adiante, certo? Você veio com essa desculpa esfarrapada sobre ir buscar coisas para o café — às sete e meia da manhã, naquela cidadezinha onde a loja de conveniências fica a três minutos? Levou três horas, Dick, para você buscar a porra do café da manhã. Para onde você foi, então? Será que saiu de fininho para encontrar a mocinha que deixou aquela mensagem abjeta na

sua secretária eletrônica? Você não consegue passar uma única noite sozinho? Ou você já estava lutando contra a invasão do seu universo mental por esse casal de libertinos vorazes e cínicos? Você estava tentando se defender; ou era tudo uma armadilha feita por você e retesada na noite seguinte com aquele telefonema aparentemente inocente? Na verdade, naquela noite eu peguei a extensão por um momento e ouvi sua voz. Uma voz tão baixa, também, para quem aposta tão alto. Você esteve com nosso destino nas suas mãos nos últimos dias. Não espanta que Chris não soubesse o que dizer. Qual é o seu jogo, então, Dick? Você já se envolveu demais nele para permanecer escondido à distância, roendo as unhas e escutando *Some Girls* ou algumas *outras* garotas. Você precisa lidar com o que criou. Dick, você precisa responder ao seguinte fax:

*Caro Dick, acho que você venceu. Estou completamente obcecado por você. Chris vai atravessar os Estados Unidos de carro. Precisamos conversar até resolver isso.*

*Sylvère*

O que acha disso, Dick? Prometo não fazer nenhum mal a você. Digo, estou indo para a França visitar minha família, há seguranças no aeroporto, não posso correr o risco de ser pego com uma arma. Mas é hora de botar um fim a essa loucura. Você não pode seguir bagunçando a vida das pessoas dessa maneira.

Com amor,  
Sylvère



Sentados no chão, Chris e Sylvère riem histericamente. Como Chris consegue digitar noventa palavras por minuto, ela e Sylvère mantêm contato visual enquanto ele fala. Sylvère nunca foi tão prolífico. Depois de se arrastar num ritmo de cerca de cinco páginas por semana em *Modernismo e o Holocausto*, ele está exultante pela rapidez com que as palavras se acumulam. Eles se revezam Dick-tando o texto. Tudo é hilário, uma força irradia de suas bocas e das pontas dos dedos, e o mundo para de girar.

*Crestline, Califórnia*  
*10 de dezembro de 1994*

Caro Dick,

Dois dias atrás, Sylvère e eu discutíamos métodos de desovar cadáveres. Pensei que o melhor lugar deve ser um depósito situado numa área rural. Visitamos um deles essa semana em Crestline, e me ocorreu que um corpo poderia ser deixado lá por um bom tempo, desde que o aluguel seja pago. Sylvère, contudo, alegou que os corpos apodreceriam e começariam a feder. Pensamos na hipótese de refrigeração, mas, até onde me lembro, os compartimentos não têm tomadas.

Os canteiros centrais das rodovias são um lugar notório para o abandono de cadáveres, além de dizerem muito sobre a arquitetura de espaços públicos dos anos 80, não concorda? Assim como os Postos de Abastecimento Self-Service (a descrição não diz tudo?), eles são um espaço público onde o trânsito de pessoas é tão denso quanto anônimo, e ninguém aparenta estar encarregado deles. Você não vê pessoas fazendo piquenique ao longo da rodovia, né? Não é um lugar onde as crianças podem brincar. Os canteiros centrais são vistos somente dos veículos em alta velocidade: uma condição perfeita para o

despejo de restos mortais.

Já faz um bom tempo que ando interessada em desmembramento. Você já leu sobre o assassinato de Monika Beerle no East Village, em 1989? O caso era como um relato apócrifo das condições de vida na Nova York daquela época. Monika tinha vindo da Suíça estudar a dança de Martha Graham. Ganhava algum dinheiro dançando de topless no Billy's Lounge por meio turno. Ela conheceu um cara chamado Daniel Rakowitz, que estava matando tempo em frente ao prédio dela, e gostou dele. Uma coisa levou a outra, até que ela convidou Daniel para morar com ela. Dividindo o aluguel, talvez ela não precisasse mais dançar. Mas ter que lidar com Daniel Rakowitz foi pior que o Billy's Lounge. Ele desaparecia por vários dias e depois voltava para casa trazendo grupos de gente louca do Central Park. Ela disse que ele tinha de ir embora. Mas Daniel queria o contrato de aluguel adimplente do apartamento de Monika. E talvez ele tenha planejado matá-la, porque a câmara de vereadores de Nova York, na sequência da epidemia da aids, aprovou uma lei que autorizava colegas de quarto que não eram familiares a herdar o contrato de aluguel do falecido. Ou talvez ele a tenha golpeado com o cabo da vassoura na garganta com força demais apenas por acidente. De todo modo, Daniel Rakowitz acabou sozinho, ao lado do corpo de Monika, no apartamento da 10th Street.

Deve ser muito difícil se livrar de corpos em Manhattan. Já não é fácil tentar chegar aos condomínios de luxo nos Hamptons sem ter um carro ou um cartão de crédito. Um amigo carpinteiro lhe emprestou uma motosserra. Separou braços, pernas e cabeça. Embrulhou as partes do corpo em sacos de lixo e saiu às ruas como Papai Noel. Uma perna apareceu no lixo do Terminal de Ônibus de Port Authority. O polegar de Monika apareceu flutuando num Sopão Solidário do Tompkins Square Park.